

História da sexualidade no Egito antigo

Josiane Gomes da Silva*

Semelhante a outras religiões antigas na crença egípcia os deuses faziam amor e sexo, sentiam o prazer na procriação. Esse sentimento e o desejo pelo sexo, era um dos vários elos que ligavam estas divindades ao homem que vivia na antiguidade egípcia. Os deuses egípcios se diferenciam do Deus cristão, não apenas pelo ato de fazerem sexo, mas também pelo prazer que demonstravam na ação da criação. Ou seja, na cosmogonia egípcia alguns deuses e os humanos foram criados pela mesma origem que era o ato sexual.

Um bom exemplo dessas lendas cíclicas do Egito Antigo é o popular mito de Osíris e Hórus. Na qual ambos representam a trajetória cíclica do sol. Ao amanhecer Horus aparece simbolizando o nascimento do sol, ao por do sol, Hórus morre já transfigurado em forma de Osíris, sendo este considerado o deus dos mortos. A “morte” do sol simbolizava a morte de Osíris, o qual se encaminhava para o submundo onde, deveria atravessar e vencer todos os “demônios” do mundo dos mortos. Isto era necessário para que Osíris ressurgisse em forma de Hórus. Mantendo assim o ciclo do equilíbrio do Maat egípcio.

A religião e as ações dos deuses interferiam diretamente em todos os aspectos da vida cotidiana egípcia. Esta sociedade procurava seguir o modo de vida de suas divindades e procurava fazer de tudo para que o equilíbrio fosse mantido. Fazer algum ato que não tenha sido praticado pelos deuses poderia trazer o caos sobre o Egito ou sobre a sua família.

Se, para compreender qualquer aspecto da sociedade egípcia e preciso entender sua religião e os atos de suas divindades. Um dos pontos mais em comum entre o divino e o terreno, ou melhor, entre os deuses e os homens, eram suas ações sexuais e o ato da procriação, pois deuses e homens tiveram uma mesma fonte de origem, que era a relação sexual.

Pois para os homens que viviam nessa época da antiguidade egípcia, o mundo divino era uma representação em grande escala das atitudes da humanidade e para os deuses, o plano terreno representava suas ações em pequena escala. Daí os egípcios considerarem sagradas todas as suas atitudes e ações, pois estavam reproduzindo o plano divino na terra. Fazendo de tudo para manter a ordem da deusa maat, a deusa da ordem, da lei e do equilíbrio.

Para tanto, o povo do Egito Antigo fazia o necessário para que o caos não se instalasse em suas vidas ou em sua família, os egípcios Procuravam agir de acordo com suas divindades. Por isso se faz necessário a compreensão do funcionamento da sociedade e a ordem dos seus deuses.

Antes de fazer as análises das representações das divindades egípcias antigas, conforme descritas em seus mitos, faz-se necessário explicitar algo sobre as fontes. As fontes utilizadas para esse fim são os artefatos arqueológicos, pois para se estudar e melhor compreender a civilização do Egito Antigo, é preciso ter noções básicas da arqueologia. E perceber a existências dos mais variados tipos de material arqueológico. Pois as fontes materiais são os únicos meios no qual o a historiografia pode obter informações sobre as sociedades da antiguidade, tornando assim a arqueologia uma área

não só apenas auxiliar, mas fundamental para os estudos e pesquisas de sociedades antigas.

Nas pesquisas realizadas sobre o Egito Antigo, os objetos arqueológico utilizado são os documentos escritos em papiros, ou as grandes compilações feitas em pedras; ou ainda também se trabalha com os vestígios encontrados nas escavações, assim como observado a iconografia egípcia. Esta ultima fonte será justamente analisas no terceiro capítulo deste trabalho acadêmica sobre a sexualidade do Egito Antigo.

Neste tema sobre a sexualidade e erotismo do Antigo Kemi .Para tanto, a história dessa região necessitará das informações contidas tanto no material escrito quanto no iconográfico, como já foram mencionadas, haverá um capítulo no qual serão utilizadas as fontes iconográficas. Neste primeiro capítulo a fonte escrita será a literatura mitológica.

Fontes estas que proporcionarão uma base concreta das afirmações feitas no transcórre deste capítulo inicial, O qual tratara à temática do amor e sexo entre os deuses do panteão egípcio. Tópicos chave na busca da compreensão de como os egípcios do Antigo Kemi concebiam a sua sexualidade.

Ainda sobre o assunto da arqueologia e as fontes advindas dela; a ciência arqueológica passou bastante tempo como um mero instrumento de ciências como a história. Hoje se tornou uma primordial fonte, não só auxiliar, mas complementar e indispensável para a análise historiográfica, principalmente em se tratando de pesquisa de civilizações da antiguidade. Aqui a arqueologia é primordial para os estudos das análises do contexto cultural do Egito Antigo, ou seja, ocorre uma espécie de “tensão

dialética” entre o artefato arqueológico e as relações sociais do período escolhido para o diálogo.

As fontes escritas são grafadas em vários tipos de suportes no Egito Antigo. Transcritas em pedras, madeira e em papiros a maioria destes textos são de cunho religioso, do qual foi retirada uma gama de conhecimento chegada até nós e que surgere a forma de organização religiosa do povo egípcio Antigo, foco importante para este capítulo primeiro. São informações que contribuíram para a pesquisa sobre a percepção que o homem dessa época tinha sobre suas divindades e principalmente, para entender o cotidiano e a vida sexual dos deuses egípcio, os quais influenciavam diretamente nessa sociedade.

As fontes escritas utilizadas como suporte para este capítulo, será a literatura de gênero mitológico. Esse estilo de literatura foi encontrado em três formas principais para a pesquisa de estudos da história egípcia antiga. Lembrando que este critério foi estabelecido de acordo com o material que sobreviveu aos tempos e que chegou até nós.

Seguindo uma ordem cronológica, as primeiras fontes literárias a serem utilizadas serão as grandes compilações religiosas entalhadas nos murais das pirâmides, conhecidas como “textos das pirâmides”. Escritas no período entre a V e VI dinastias do Antigo Império, contendo 759 capítulos. Seu principal objetivo era de resguardar a alma daquele que estava ali sepultado .

Os próximos grupos de fontes são os também conhecidos “textos dos sarcófagos” aparecendo já no Médio Império Antigo. Estes textos eram como uma forma reduzida dos grandes “textos das pirâmides”. Como já foi mencionado, esses

textos tinham como primordial função garantir, proporcionar e resguardar a alma do morto no submundo .

Ainda durante o Médio Império, vão surgir outros tipos de fontes interessantes para a esta pesquisa, sobre a sexualidade entre os deuses do Egito Antigo. Estes tipos de fontes, podendo ou não estar grafados em túmulos, se apresentam sob a forma de contos mitológicos, textos mágicos e de rituais .

Se aproximando da última fonte aqui abordada como “principal”, em se tratando ao aspecto da cosmogonia egípcia, temos o popular “livros dos mortos”. Ele tem como característica ser uma forma reduzida dos “textos dos sarcófagos”. Inspirado tanto nos escritos das pirâmides quanto nos dos sarcófagos. O “livros dos mortos” além de mais acessível do que os demais, eram o verdadeiro guia da alma no mundo dos mortos para aqueles que haviam partido para a “grande jornada”, rumo ao tribunal de Osíris. O “livro dos mortos” servia para orientar os mortos sobre todos os procedimentos para garantir um bom julgamento na balança da deusa Maat .

Copiados e recopilados, esse textos mesclam todas as classes de informações sobre os deuses, como sua origem, como também as expectativas dos homens egípcios para com suas divindades, pois era dali que a sociedade do Egito deveria retirar os exemplos para suas vidas .

Os relatos de Heródoto (século V a.C.) e Plutarco (século I d.C.), também serão relacionados ao longo da pesquisa, mas sem maior aprofundamento, pois, este trabalho terá como base a literatura elaborada pela sociedade faraônica.

Alguns conceitos empregados neste trabalho tentaram sair dos clichês do Ocidente, pois, como na explicação anterior do conceito do termo Kemi - Egito

Antigo-, para os Antigos egípcios ele simbolizava o local onde habitavam, significava terra negra, pois era assim que este povo denominava a terra que ficava depois das cheias. por isso eles denominavam sua terra de Kemi, que Ocidente o batizou de Egito antigo.

Como se sabe foram os gregos que iniciaram as primeiras narrativas sobre a história do Egito Antigo. Ficaram maravilhados com os costumes e as tradições desta sociedade. Por isso muitos termos e conceitos que sabemos da sociedade egípcia, vêm da visão que os gregos tinham do Egito. Por exemplo, a palavra hieróglifo, que vem do grego “hieró”, sagrado e “glifos”, a escrita.

Tentar utilizava vários conceitos empregados pela sociedade que se ira estudar, é preciso, pois ela amplia o nível de compreensão da civilização que se deseja analisar . Sabendo que nem uma tradução das escritas antigas é perfeita, caberá a este trabalho uma cautela especial nas análises dos textos religiosos como aos textos considerados profanos à sociedade do Egito Antigo.

Para o estudo deste primeiro capítulo, sobre a sexualidade entre os deuses do Egito Antigo, existirá a minúcia para com as fontes e uso de palavras inadequadas para a contemporaneidade dos antigos egípcios, pois existiam termos que não existiam na época dos grandes faraós. E que hoje definem comportamentos específicos.

Na literatura faraônica encontra-se um variado número de relatos, que tratam da cosmogonia egípcia antiga. Ela esta carregada de trechos eróticos, considerados normais ao povo que os escreviam e os imaginavam. Como se sabe, as pesquisas revelam que houve durante todo o período faraônico do Egito, vários centros religiosos, sendo que geralmente alguns predominavam sobre outros, havendo até disputas e a

rivalidades entre essas regiões, pois a popularidade do culto de determinado deus garantia o poder do clero local.

A conseqüência da competição entre esses vários centros religiosos provocou uma variedade no tocante à forma de perceber a causa da origem do mundo. Existem fontes de cinco grandes interpretações para a explicação da origem do mundo, dos deuses e do homem. Mas não relato que chegaram até nós, existe um elo que os ligam, uma espécie de “espinha dorsal”. Em todas existe um ser único causador da origem da vida. Alguns desses mitos estão. Justamente no momento da criação, os deuses egípcios se utilizavam como retratam as passagens de varias compilações sagradas, do recurso do ato sexual, seja ele pela masturbação ou pelo ato simples da copula.

Os grandes centros religiosos foram Heliópolis, na qual a divindade patrona da cosmogonia era o deus Atum, que nos escritos menciona o ato da criação através da “masturbação” . Esta interpretação será apresentada mais adiante neste capítulo. Outra importante região onde encontramos uma interpretação própria, para explicar a origem do universo foi à região de Elefantina. A Cidade tinha o deus Khnum, um deus com cabeça de carneiro. Segundo esta visão de cosmogonia, esta divindade também havia criado o universo e os seres humanos. A divindade Khnum tinha duas esposas, que eram Satet e Anuket, a primeira fortemente ligada à fertilização; a segunda ligada às águas.

Percebemos que nos textos religiosos, que o deus Khnum também tinha o desejo pelo ato sexual. A versão mitológica do centro religioso de Elefantina também continha em seus textos o ato sexual como fator preponderante na origem da vida, pois (O apetite pelo acasalamento era claramente evidente...) .

Outro centro da religião egípcia era a cidade de Hermópolis, capital do XV nome do Alto Egito. O clero de Hermópolis acreditava no mesmo princípio de criação de Heliópolis. Atum havia criado tudo e também os deuses de Hermópolis. Seus deuses estavam agrupados em quatro pares de casais. Nun e Naunet, o caos, o oceano primordial; Heh e Hehet, o infinito; Kek e Kauket, as trevas; e por fim Amon e Amaunet, o oculto. Novamente vão aparecer nas várias interpretações dos antigos egípcios a concepção de “dualidade”, ou seja, outras divindades são criadas com sua “alma gêmea”, para assim ser possível o ato da criação sagrada.

Um dos mitos relata que a criação do universo por estas divindades de Hermópolis teria vindo de dentro da flor de lótus. O qual oito deuses teriam surgido através da fecundação feita pela “ejaculação” das divindades masculinas sobre esta flor. Um deus desses deuses era o deus sol Ré.

O clero de Mênfis, a primeira capital do Egito, também possuiu uma interpretação sobre a origem do mundo, e de todos os seres. A visão de cosmogonia menfita tinha como deus criador do universo Ptah e sua esposa Sekhmet e seu primogênito Nefertem. Formando assim uma tríade familiar egípcia .

Este mito não nega a mitologia de Heliópolis, nos diz que foi Ptah, o grande deus criador de todas as coisas, inclusive fonte da criação de Atum, o deus criador para os habitantes de Heliópolis. Pois para os sacerdotes de Mênfis, Ptah havia criado Atum pelo coração e a língua, ou seja, os teólogos menfitas subordinaram o mito criador de Heliópolis a sua divindade tutelar, Ptah.

Uma outra visão para explicar a criação do mundo, foi a cosmogonia da antiga capital do Novo Império. A cidade de Tebas, que os antigos egípcios chamavam de Uaset. Com

a elevação da cidade a capital do Egito, seu deus passou a ser a principal divindade egípcia. Nessa cidade Amon vai ser considerado o grande deus criador dos seres vivos. Amon também tinha sua tríade familiar, sua esposa Nut e seu filho Khonsu. Como dizem os textos sagrados tebanos: (Assim falou Amon - Ré, rei dos deuses, o grande Deus poderoso que foi o primeiro a manifestar sua existência...).

No culto do deus Amon, ele teria que possuía uma esposa, que era representada por uma princesa real, essas mulheres deveriam se manter ritualmente puras, inclusive deveriam manter-se virgens. Popularmente conhecida como “a esposa de Amon”. Ela realizava rituais em homenagens ao deus Amon, deveria manter o celibato até o fim de suas vidas, pois: (... voltada ao amor de sobrenatural do deus, de quem, mais que nunca, eram incumbidas de entreter os ardores para que a marcha do mundo prosseguisse...).

Isto destaca mais um evidencia do caráter sagrado da sexualidade. Pois, para se tornar uma das esposas do deus Amon, era preciso se manter intocada pela união carnal, no mundo terrestre.

Dentre todos os mitos que tratavam do tema da origem do mundo, o que mais explicita o caráter da sexualidade no meio da sociedade dos deuses, é a Enéade de Heliópolis, a qual já foi apresentada neste. Assim inicia o mito: (Atum é o que veio à existência, o que se masturbou em Heliópolis. O que empunhou o seu membro pra criar o prazer.).

Com esse trecho, extraído dos textos das pirâmides, analisaremos a sexualidade dos “neteru” como eram denominados os deuses no Antigo Egito. A cosmogonia de Heliópolis é a que mais se trata da sexualidade dos deuses. Assim o estudo dos mitos

relacionados a Heliópolis nos ajudará a uma maior compreensão a respeito da sexualidade entre as divindades. Por sua vez esses conhecimentos nos auxiliarão a compreender a sexualidade dos egípcios antigos.

Sabemos que para se ter a mínima compreensão do cotidiano sexual de qualquer sociedade, é importante adquirir noções básicas de vários aspectos de sua cultura e religião . Em se tratando da sociedade do Egito Antigo, cultura e religião são completamente ligadas. Pois, como observou Heródoto: (De todas as nações do mundo, os egípcios são os mais felizes, os mais saudáveis e os mais religiosos.) .

Neste caso a religião do Antigo “Kemi”, vai interferir diretamente na vida deste povo, pois os Antigos procuram representar na terra vários aspectos do mundo divino, conforme Araújo,

... No Egito, todas as ações das forças que governam e atuam nos céus foram transferidas para a terra... Mas deve-se dizer que todo o cosmo habita no [Egito] como em seu santuário. .

Para este povo tão religioso o mundo em que se vivia era uma replica em pequena escala das ações do mundo dos deuses. E assim todas as atitudes que os humanos faziam na terra eram julgadas no plano superior dos “neteru”.

O historiador Luis Manuel de Araújo vai descrever que, para os Antigos egípcios, antes do surgimento de todas as coisas, o mundo existia apenas em forma das águas primordiais, sem vida. Era a deusa Num.

A partir deste oceano primitivo, vai-se originar o deus Atum, que sozinho procria a si mesmo e outras divindades, saindo do estado inerte, era ainda sujeito

subjetivo, passando para o estado cinético, vivo; tornando-se sujeito objeto do universo.

Assim se refere os textos sagrados sobre os mistérios do deus Atum:

“ Salutamos a vós, Atum, Salutamos a vós, aquele que se torna si mesmo! Vós sois ao alto nome o altíssimo Vós tornais a si mesmo em vosso nome Khepri (aquele que se que torna a si mesmo).” .

Após ter conquistado o espírito da vida, Atum pensou e em seu coração as formas dos seres, que logo em seguida seriam criados. Estando sozinho envolvido ao oceano primordial, Atum teve em sua ação o ato da procriação. Esta divindade solitária colocaria a sua mão em seu falo, para em seguida praticar o ato da masturbação. Ele expeliu o próprio sêmen e depois o engoliu e colocou-o para fora, ou cuspiu ou escarrando na forma dos deuses Shu e Tefnut divindades do ar e da umidade respectivamente.

O papiro de Bremner-Rhind assim descreve a criação:

Concebi em meu coração, criei diversas formas de seres divinos, como as formas de meus filhos e dos filhos dos meus filhos... ; Criei o desejo com minha mão; copulei com minha mão, expeli com minha boca. Cuspi Shu e cuspi Tefnut... ; Depois de me tornar um Neter (deus) havia (então) três neteru(deuses) além de mim... .

São fragmentos extraídos do papiro que por sua vez são inspirados nos”textos das pirâmides”. Ficando evidente, o ato sexual, pois nesse caso, o próprio deus fala que copulou com sua mão, fazendo assim a manipulação de seu falo e depois deu a vida a outras divindades.

A historiografia tratará esse tema com cuidado, alguns especialistas do assunto tratarão do caráter dualista no contexto dos mitos da criação do mundo egípcio Antigo.

Conforme Araújo a mão de Atum foi o princípio feminino que possibilitou a cópula, propiciando a criação. Porém, em outra visão poderíamos dizer que, no momento do ato criacionista de Atum, a sua boca teria sido o princípio feminino. Pois através de sua boca a divindade Atum fez acontecer uma auto fecundação, após o ato da masturbação, o deus colher certa quantidade de seu fluido sexual e o leva em direção a sua boca, o qual é engolido e posto para fora em forma de duas divindades.

Outros especialistas do assunto como Eliade estudará o tema da bissexualidade de Atum, considerado que o demiurgo, aqui nesta visão vai ser entendido como o ser “o completo”, ou “o grande ele – ela” .

A dualidade, hermafroditismo, a bissexualidade, masturbação ao modelo atúnico e cópulas, estão presentes em varias divindades do mundo do Egito . Vemos em fragmento de textos, que outros deuses são invocados pelos sacerdotes a fazerem ações tal como os deuses da criação. Como exemplo: (O Nilo corre como seu suor vivo e fecunda os campos. Ele agita o seu falo para inundar as duas terras com aquilo que ele criou.)

Prosseguindo o estudo desse mito oriundo de Heliópolis, após terem nascido de Atum, os neteru(deuses) Shu e Tefnut (o primeiro era o deus ar e o segundo umidade), entram em ação de cópula. Sabemos que os elementos ar e umidade são dois fatores de constituição da terra, nesse instante aparece nos relatos, que os dois procriaram outras formas de seres divinos. Aqui novamente o sexo vai ser um processo primordial para a origem da vida, como Shu relata a sua origem:

Cresci em suas pernas, vim a existir em seus braços, criei o espaço em seu corpo. e Não fui feito em um corpo, nem amalgamado em um ovo, nem concebido em um ventre, meu pai Atum escarrou-me num escarro de sua boca. .

Estes novos seres viventes procriam, entre si, outro par de deuses, finalmente de Shu e Tefnut, nascem o deus Geb, o deus terra e sua irmã Nut, deusa céu. que, por conseguinte fora criados numa espécie de abraço “erótico”, num coito envolvente, nasceram em pleno ato de cópula, só separado pelo seu pai Shu, o ar que separa o céu (firmamento) da terra. Em alguns relatos da mitologia do Egito faraônico, como é notório que entre os divinos existia o incesto entre irmão, mas também a relatos de incesto de filho e mãe. Neste caso é para a garantia do poder:

Segundo um relato tardio, Shu, filho de Ra-Harakhty, reinava em Mênfis, mas após uma revolta retirou-se e subiu ao céu, deixando na terra sua companheira Tefnut à força”. Por decência o gravador deixou em branco o nome do violador divino, mas tratava-se de Geb. Esse incesto provocaria catástrofes naturais, mas assegurou a legitimidade do poder de Geb. (naos de Ismailia).

Não só da disputa pelo poder se constituía o meio das divindades egípcias, existem outros relatos que ressaltam toda a trama e conflito, muitas vezes complexos, e novamente o ato sexual vai entrar em cena na mitologia egípcia antiga. Os mitos da época relatam que o senhor do universo proibiu a cópula entre os deuses, sendo assim, os deuses Geb e Nut se encontrava unidos desde o seu nascimento, em pleno ato sexual:

O Senhor do universo proibiu-lhes qualquer relação sexual e quando soube que Nut estava grávida, ainda mais se tratando de quintuplos, ordenou a Shu que separasse os amantes fogosos e decretou que Nut não poderia pôr no mundo nenhuma criança,

durante nenhum dia do ano... Tot interveio... Dotou o ano de cinco dias suplementares,...

Foi assim que nasceram Osíris, Ísis, Seth e Néftis e Hórus... .

Esta terceira geração de pares divinos, nesta etapa do mito, que acontecerá no plano terreno, serão os deuses de organização do plano divino. É o quarteto de deuses mais singulares em todo o Egito Antigo. Osíris, ou (*Ausar*); assim denominado pelos Antigos egípcios, sua irmã e esposa Ísis, ou (*Auset*), os outros dois irmãos que também formam o casal são; Seth, ou (*Set*); sua esposa e irmã Néftis, ou (*Neft-Het*); sendo esta última de função mais apagada se comparada a sua irmã Ísis.

Porém há relatos de que Osíris teve um envolvimento secreto com uma outra deusa, a sua irmã Néftis, esposa de Seth, o estéril. E desta cópula nasceu o deus Anúbis. Anúbis foi abandonado por sua mãe que temia a ira de Seth. A criança acabou sendo encontrada e cuidada por Ísis. Isso fez aumentar ainda mais a rivalidade que existia entre Osíris e Seth pelo poder no Egito.

Outra característica que se pode nos perceber entre os primeiros casais divinos são os relatos de bigamia. Mas, a partir da terceira geração de deuses, é possível ver que quanto mais aumenta o número de divindades, as tentações do mundo terreno se atrelam aos divinos, como é o caso de Seth, divindade criada para sua esposa Néftis. Porém não foi o suficiente, Seth logo tratou de desposar outras “amantes”; eram Anat e Astarté.

Osíris e Isis formaram o casal mais emblemático de todos os contos mitológicos espalhados pelo Egito Antigo. Existem vários relatos que contam o mito deste quarteto de divindades. Além dos relatos descritos pelos próprios egípcios, existem os escritos

de Plutarco. Nestes relatos existe uma ordem semelhante, apenas divergindo no final da narrativa.

Esta lenda inicia no momento da suas criação, do mundo, quando já no ventre, Osíris e Isis já se amavam. Ao nascerem Seth casou-se com Néftis e Osíris com Ísis, porém Osíris foi eleito rei da terra. Seth, sentido inveja do irmão tratou de pôr fim à vida de seu irmão, este foi colocado dentro de um caixão e jogado ao Nilo, mesmo assim Isis encontrou Osíris, mas Seth despedaça o corpo de seu irmão e o espalha por varias localidade do Egito.

Ísis procurou as parte do corpo de seu esposo por todo o reino, auxiliada por sua irmã Néftis a esposa de Seth. Neste ponto nos textos se contradizem, uns predizem que Isis teria concebido de Horus. Em outros relatos, a deusa Isis havia resgatado todas as partes do corpo de Osíris, menos o seu falo, o qual foi engolido por um peixe oxirrinco. A magia desta deusa lago substituiu o falo de Osíris, o que possibilitou que Hórus fosse concebido por Isis e Osíris.

Mais uma vez foi necessário um casal de divindades para procriarem outros seres. Mesmo existindo algumas divergências para com os relatos, este mito de Osíris e Isis retrata todas as contendas que envolviam a corte real do Egito Antigo. Todas as intrigas pelo poder, a necessidade para se estabelecer a hereditariedade da família real. Fica claro em meio aos relatos, como já foi descrito no inicio deste capitulo, que o plano terrestre é uma representação em pequena escala do plano divino. Contudo o mundo terreno se espelha no mundo divino, mas a classe que mais seguirá essa regra será a da realeza egípcia, a qual tentava recriar os passos das realezas divinas. Assim como os deuses se casavam com seus primogênitos, os faraós do Egito faziam o mesmo,

pois garantiam através do ato sexual a sucessão e perpetuação da família no comando do Egito.

A sucessão ao trono Egito fervorosamente existente durante o Egito Antigo, vai também aparecer em meio aos deuses. O primeiro mito que já foi descrito no parágrafo anterior, vai tratar justamente das disputas palacianas pelos poder, os deuses confabulavam entre si na busca pela autoridade do Egito.

Outro mito que se semelha ao mundo das vicissitudes do mundo terreno e o mito que narra as contendas entre os deuses Seth e o filho de Isis e Osíris, Horus. Ele vai vingar a morte de seu pai, travando vários embate com Seth, para legitimar seu direito ao trono do Egito, pois ambos alegavam serem os legítimos herdeiros ao trono Egito, já que Osíris estaria reinado no submundo, tornando-se o deus dos mortos.

Após varias disputas pelo trono sagrado do Egito. Seth convida Horus a ir a sua casa para fazerem as pazes:

Set a Hórus - Vem, passemos um dia feliz em minha casa. .

Hórus a Set – Eu irei, eu irei.

Ao anoitecer prepara-se uma cama para eles e deitam-se juntos. De noite Seth fica com o pênis ereto e penetra-o nas coxas de Hórus. Então Hórus põe suas mãos entre as coxas e colhe o esperma de Seth. Em seguida Hórus vai contar (o sucedido) à sua mãe Ísis. .

Neste trecho do papiro de Chester Beatt, nos esclarece como tal situação era percebida na sociedade egípcia da Antiguidade. Isso não quer afirmar que o homoerotismo, era encarado como algo comum, mas também não se pode interpretar como um ato totalmente repugnante, dependendo apenas do contexto do qual o ato

sexual ocorrera. Os valores que existiam no Egito Antigo eram de uma enorme complexidade, para melhor captar estes valores e preciso lançar mãos dos hábitos de nossa historicidade e tentar compreender a historicidade do período que aqui e o Egito Antigo.

Continuando este mito, o próximo trecho vai nos fazer entender melhor como era encarada essa situação do homoerotismo:

Hórus a Ísis – Vem, minha mãe Ísis, vem e vê o que Set me fez! Ele abre a mão e mostra-lhe o esperma de Set. ela dá um grito, apanha sua faca, corta a mão (de Hórus) e lança-a na água. Então faz nova mão para ele. E ele pega uma porção de unguento perfumado e passa-o no pênis de Horus. Ela faz (assim) com que (o pênis) fique ereto, coloca-o sobre um pote e (ao ejacular) deixa seu esperma escorrer ali. Pela manhã Ísis vai com o esperma de Hórus à horta de Set .

Agora nessa fase da mitologia “Das contendias de Horus e Set”, a mãe de Hórus sabendo do significado daquele ato, num eventual julgamento em um tribunal, tratou logo de fazer algo que invertesse aquela situação. Ísis foi logo ao servo de Set e perguntou-lhe qual era o legume que Set se alimentava, o hortelão disse que era a alface:

Então Ísis esparge o esperma de Hórus nele. (depois) Set chega, conforme sua rotina diária, e de habito como alface. Por isso ele fica grávido com o esperma de Hórus. Então Set procura Hórus. .

Continuando o relato do papiro, que podemos compreender como era percebido o tratamento para com as ações de homoerotismo entre os deuses do Egito Antigo:

(Set a “Hórus) – vamos, apressemos-nos para que eu possa discutir contigo no tribunal!, Hórus a Set – Eu irei, eu irei. .

Chegando ao tribunal, o mito contido no papiro de Chester Beatt, transmite a importância de no momento de um ato sexual entre dois seres de mesmo sexo, aquele que fez o papel do macho não seria tratado com repugnância. Mas para aquele que fez o papel de fêmea no coito homoerótico, no caso Egito Antigo era o que recebia o falo e o sêmen. Ficando assim grávido como uma fêmea.

E justamente sabendo disto que Set o utiliza contra Hórus. Porém como Ísis havia retirado o sêmen de Set em Hórus e feito com que Set engolisse os fluidos eróticos de Hórus. Set alegaria em vão que havia agido como macho para com Hórus.

Hórus e Set chegam ao tribunal apresentando-se perante da “grande Enéada”:

Enéada – falem!

Set – que a função de soberano, me seja dada, pois quanto a Hórus, que aqui está, agi como um homem com ele!.

Então a Enéada se alvoroça e (todos os deuses) cospem no rosto de Hórus. Mas Hórus ri-se deles e faz um juramento pelo deus. .

Hórus – O que Set diz é mentira. Que o esperma de Set seja chamado e veremos de onde responde. E depois que o meu (também) seja chamado e veremos de onde responde .

Na continuação desta narrativa, o deus Tot é chamado para verificar de onde respondem os semens de Hórus e de Set. O deste último responde das águas e enquanto do primeiro fala de dentro da barriga de Set. Este pelo fato de ter agido tal como uma fêmea perderia a oportunidade de comandar o Egito.

Isso não quer dizer que o homoerotismo no Egito Antigo era percebido como algo pecaminoso, pois nada ocorrera com as duas divindades mencionadas acima. Apenas aquele que tinha tomado atitude de fêmea não poderia reinar no Egito. E sabido que no Egito da época dos Faraós, o indivíduo para governar o “Kemi”, deveria ser um macho ou pelo menos se comportar com tal para ter acesso ao trono real do Egito Antigo, além de pertencer e ser primogênito da realeza dominante. Foi isso que aconteceu com a rainha Hatshepsut, da qual teve duas justificativas para com os sacerdotes, para poder governar o Egito durante o Novo Império.

Não só os mitos nos mostram um pouco da sexualidade que havia no Egito antigo. Também podemos ver o sexo nos poemas de amor, todos advindos no Novo Império. Esses poemas são carregados de romantismos e erotismo:

Vai para a morada de tua irmã

E entra para sua sala de visitas

Semelhante a um jardim.

Ela oferece canto e dança, vinho e cerveja,

(então) excita seu desejo

E ganha-a para a noite.

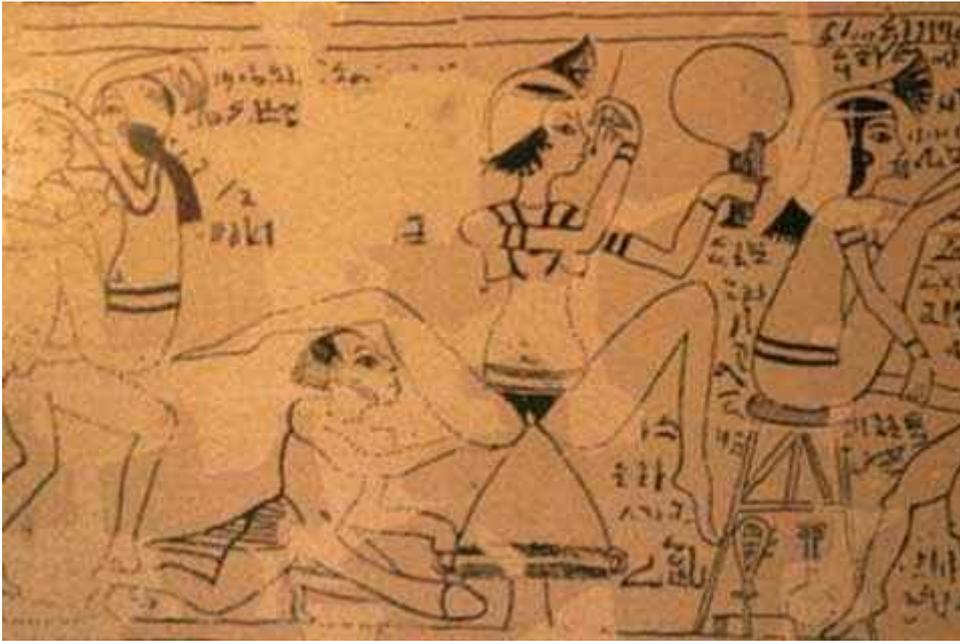
Ela te dirá: toma-me em teus braços

E quando o dia raiar farás o mesmo de novo!

Neste fragmento notamos forte presença de um erotismo, vemos que a música, a dança e a bebida fazem parte da sedução precursora no ato amoroso. E mostrando

também que a literatura faraônica não é somente feita para idolatrar as divindades, e sim pra enaltecer o amor e o sexo. Estes poemas irão mostrar um outro lado da sociedade egípcia antiga, nos revelando seu lado mais romântico e erótico. Aqui os egípcios nos apresentam seu lado sensível e poético. Nos mitos eles clamam aos deuses nos poemas eles nos mostram o amor que sentem um pelo outro. O sexo não é apenas sagrado e, mas também prazeroso e perfeito.

A sexualidade do Egito faraônico também pode ser percebida através das iconografias como esta do Novo Império:



Este papiro de turin nos proporciona um outro olhar sobre como eram percebidos as práticas sexuais no Egito antigo. Aqui vemos cenas de relações sexuais, imagens estas feitas nos padrões estéticos egípcios.

Por fim, o estudo feito sobre a sexualidade no Egito antigo vem para mostrar um outro Egito, diferentemente daquele descrito pela historiografia que o Egito antigo é uma dádiva do Nilo. Estudar sexualidade no permite ver que o Egito não foi apenas

uma civilização de túmulos e templos, mas sim tão importante em sua historicidade como os impérios ocidentais foram em seus tempos.

Bibliografia

ARAÚJO, Emanuel Oliveira. **Escrito para eternidade**. A literatura no Egito Faraônico. UNB; 2000.

ARAÚJO, Luís Manuel de. **Estudos Sobre Erotismo No Antigo Egito**. Lisboa, Colibri; 1995.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 85.

TRAUNCKER, Claude. **Os deuses do Egito**. Brasília: UNB, 1995. p. 14-15.

MEEKS, Dimitri; FAVARD-MEEKS, Chrstne. **La vida de los dioses egipcios**. Madrid: Temas de hoy.

FUNARI, Raquel dos Santos. **Imagens do Egito Antigo**: Um estudo de representações Históricas.

NOBLECOURT, Christiane D. **A mulher no tempo dos Faraós**. São Paulo: Papirus, 1994. p.140-141.

Heródotos. **História**. 2 ed. Brasília UNB, 1988.